

WARMINGTON, B. H. (1999), *Suetonius Nero*, text, with intr. & notes, Bristol Class. Pr. (2ª ed.).

JOSÉ LUÍS L. BRANDÃO

HIGINO, UM MITÓGRAFO LATINO EM TRADUÇÃO VIII. IFIGÉNIA

No âmbito do projecto de publicação das *Fabulae* de Higino, damos atenção, neste número do *Boletim de Estudos Clássicos*, à fábula 99, através da qual é retratado o mito de Ifigénia, a filha de Agamémnon, amplamente conhecida, em parte, devido ao relevo que lhe é conferido na literatura, desde a épica grega até aos nossos dias.



The Sacrifice of Iphigenia, Jan Steen (imagem retirada de www.artadox.com)

IPHIGENIA

Agamemnon cum Menelao fratre Asiae delectis ducibus Helenam uxorem Menelai quam Alexander Paris auexerat repetitum ad Troiam cum uenirent, in Aulide tempestas eos ira Dianae retinebat, quod Agamemnon in uenando ceruam eius uiolauit superbisque in Dianam est locutus. (2) Is cum haruspices conuocasset et Calchas se respondisset aliter expiare non posse nisi Iphigeniam filiam Agamemnonis immolasset, re audita Agamemnon recusare coepit. (3) Tunc Vlixes eum consiliis ad rem pulchram transtulit; idem Vlixes cum Diomede ad Iphigeniam missus est adducendam, qui cum ad Clytaemnestram matrem eius uenisset, ementitur Vlixes eam Achilli in coniugium dari. (4) Quam cum in Aulidem adduxisset et parens eam immolare uellet, Diana uirginem miserata est et caliginem eis obiecit ceruamque pro ea supposuit, Iphigeniamque per nubes in terram Tauricam detulit ibique templi sui sacerdotem fecit.

IFIGÉNIA

Quando Agamémnon se dirigia a Tróia com Menelau, seu irmão, e na companhia de generais escolhidos da Ásia para reclamar Helena, esposa de Menelau – a quem Páris Alexandre tinha raptado –, retinha-os em Áulide uma tempestade provocada pela ira de Diana, já que Agamémnon tinha sacrificado uma sua cervas numa caçada e falado com insolência contra Diana. (2) Este, quando convocados os adivinhos, e uma vez que Calcas lhe respondeu que não podia impedir a cólera divina de outra forma, a não ser que imolasse Ifigénia, a filha de Agamémnon, recusou de início. (3) Então Ulisses, com os seus conselhos, convenceu-o de que seria uma boa acção. O mesmo Ulisses foi enviado com Diomedes para trazer Ifigénia; Ulisses, quando chegou junto de Clitemnestra, a sua mãe, mentiu [dizendo] que a jovem ia ser dada em casamento a Aquiles. (4) Quando a levaram para Áulide e o pai a quis sacrificar, Diana teve compaixão da jovem, lançou sobre eles a escuridão e em seu lugar colocou uma cervas, levando Ifigénia, através dos céus, para a terra da Táurida – e aí a fez sacerdotisa do seu templo.

O mito de Ifigénia

Filha primogénita de Agamémnon e Clitemnestra, a figura de Ifigénia vai adquirindo ao longo da literatura grega, como que num percurso evolutivo, um valor incontornável, na medida em que constitui a causa primeira das desgraças que assolam a casa dos Atridas. É por intermédio do seu sacrifício que se alcançam ventos favoráveis, rumo à destruição de Tróia,

é graças à sua morte que a casa de Agamémnon ficará manchada de sangue, através de sucessivos crimes cometidos para vingar uma inocente. Será talvez porque tem um significado inicialmente familiar que não lhe é conferida, desde logo, uma importância fulcral na épica grega, onde a presença da personagem é meramente residual¹.

Efectivamente, a figura adquire uma maior relevância na poesia trágica ateniense, já com Ésquilo, mas sobretudo com Eurípides. É este tragediógrafo quem lhe concede uma grandeza evidente, constatada pelo facto de ser ela a personagem principal de duas obras (*Ifigénia em Áulide* e *Ifigénia na Táurida*), onde são explorados dois filões divergentes do mito. Se, na primeira obra, a jovem é sacrificada em prol da viagem da armada helénica rumo à destruição de Tróia, na segunda a filha de Agamémnon é levada para a terra da Táurida por Ártemis, a deusa que tinha exigido o seu sacrifício ao pai para obter os ventos favoráveis à expedição troiana.

Face a esta ambivalência de exploração do mito, assegura-se como natural o interesse que a figura suscitou ao longo dos séculos, independentemente da versão mitológica escolhida. Desde os *Cantos Cíprios* – dos quais apenas dispomos de fragmentos – passando pelo evidente interesse de Eurípides pela personagem, há ainda a referência pouco segura de que também Ésquilo lhe tenha dedicado toda uma tragédia (fr. 46 Nauck).

Figura amplamente referenciada em vários autores clássicos, desde Hesíodo – no *Catálogo das Heroínas* (fr. 23a Merkelbach-West) – passando por Píndaro (*P.* 11. 22-23b), a sua importância não se esgotou com o advento da cultura latina; pelo contrário, vários autores lhe dedicaram atenção, nomeadamente Virgílio (*A.* 1. 116) e Ovídio (*Met.* 12. 24-38), o que certamente terá contribuído para a elaboração da mitografia por parte de Higino.

Neste texto, Higino opta pela versão que poderíamos considerar de *happy ending*, já que é viabilizada a salvação de filha de Agamémnon, ao que tudo indica a partir das duas tragédias euripidianas. A esta variante recorreram autores modernos e contemporâneos, de onde se destaca Johann Wolfgang von Goethe com a obra *Iphigenia auf Tauris*, adaptada recentemente pela companhia Teatro da Cornucópia².

¹ Cf. a referência a Ifianassa em *Il.* IX. 145 e 287.

² Sobre a encenação levada a cabo por esta companhia, vide www.teatro-cornucopia.pt.

Tópicos de exploração didácticaSintaxe

1. Oração temporal-causal: ...cum uenirent.../ ...cum conuocasset...
2. Oração infinitiva: ...respondisset... non posse...
3. Sintaxe do verbo *possum*.
4. Sintaxe do verbo *uolo*.
5. A expressão de fim com supino (*repetitum*) e gerundivo (*adducendam*)
6. Complemento circunstancial de causa (...*ira Dianae*...) e oração causal (...*quod Agamemnon ...ceruam eius uiolauit*...)
7. Ablativo absoluto: ...*re audita*...
8. Complemento circunstancial de companhia: ...*cum Menelao fratre*.../ ...*cum Diomede*...
9. Sintaxe de *coepit*.
10. Complementos circunstanciais de lugar: ...*in Aulide* ... (lugar onde); ...*ad Iphigeniam*.../ ...*ad Clytaemnestram*.../ ...*in Aulidem*... (lugar para onde); ...*per nubes*... (por onde)

Morfologia

1. Nomes de flexão greco-latina: *Agamemnon*, *Menelai*, *Calchas*, *Vlixes*, *Achilli*
2. Pronome *is*, *ea*, *id*
3. Pretérito mais-que-perfeito (modos indicativo e conjuntivo): ...*auexerat*.../ ...*conuocasset*.../ ...*imolasset*.../ ...*uenisset*.../ ...*adduxisset*...
4. Verbos depoentes: ...*est locutus*.../ ...*ementitur*.../ ...*miserata est*...
5. Verbos defectivos: ...*coepit*...
6. Verbo *uolo*
7. Compostos verbais: ...*adduxisset*.../ ...*obiecit*.../ ...*supposuit*.../ ...*detulit*...

ANDREA PATRÍCIA DE OLIVEIRA FOLHAS SEIYA

A EPIGRAFE LATINA COMO ELEMENTO DIDÁCTICO (XXVI)*Os laços familiares***Ingénuos desejos**

Ao visitar um cemitério, não raro vemos jazigos de família a ostentarem na fachada, correspondentes aos receptáculos para urnas, placas destinadas a receber a gravação do nome do defunto que neles vier a ser depositado. E, se formos curiosos, é bem possível acontecer que o jazigo até já esteja bem 'ocupado' e apenas um nome esteja numa das placas, o do primeiro a dar entrada lá (foto 1), ou, às vezes, nem sequer esse, por a sua identificação figurar no frontispício. Motivos vários determinaram que não mais se pensasse em gravações: porque houve deposições inesperadas, empréstimo duradouro ou temporário, dificuldades técnicas...

Recordo, a propósito, dois epitáfios romanos, a que, por este motivo, amiúde me refiro:

– O mandado lavar, em vida, por *Aquila Cara* a seu marido, *P. Anonius Silo*,¹ em que ficou por preencher a linha onde seria de esperar a idade com que ela própria falecera e a fórmula habitual «aqui jaz», *H(ic) S(ita) E(st)* – os eventuais descendentes esqueceram-se de a completar!

– E o que «Crisis pôs para si» – *Chrysis sibi posuit* – única frase que se lê sobre o singelo, mas bem decorado, monumento funerário encontrado, em 1773, no terreiro do Castelo de Coimbra e que se expõe no Museu Nacional de Machado de Castro². Também aqui ninguém mais se preocupou com *Crisis*, para isso fora deixado espaço e até podemos pensar que nem sequer sobre a sua sepultura algum dia veio a ser colocada a pedra que cuidadosamente preparara em vida (foto 2).

¹ Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conuentus Pacensis – Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984, p. 643-644 (inscrição nº 578).

² Cf. ENCARNAÇÃO (José d'), «Notas sobre a epigrafia romana de Coimbra», *Actas das I Jornadas do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*, Coimbra, 1979, p. 179-180.